

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA E O ROMANCE
MULHERES EMPILHADAS (2019)Antônio Wesley do Nascimento Martins (UECE)¹Jamile Pinheiro da Silva (UECE)²Edmilson Alves Maia Júnior (UECE)³

Resumo: O presente trabalho se propõe a estudar, a partir de uma análise teórico-conceitual, as intersecções e confluências existentes entre as áreas do conhecimento História e Letras observando, em um primeiro momento, como essa complexa relação se deu ao longo do tempo e algumas das transformações pelas quais passou. Já em um segundo momento do trabalho discute-se alguns trechos do romance *Mulheres Empilhadas* (2019) pensando os diferentes aspectos e momentos da obra em que a relação entre a literatura e o conhecimento histórico se evidencia. A partir disso notamos que o diálogo entre as citadas áreas, e seus possíveis usos articulados pela autora na escrita do romance em questão, torna possível que reflitamos criticamente, a partir do ficcional, questões e problemáticas históricas e sociais como, por exemplo, o feminicídio. Para tal, estabelecemos um diálogo com Biroli (2014), Llosa (2002), Ferreira (2009), Barros (2010), Silva e Santos (2021), Vago (2021), dentre outros autores.

Palavras-chave: História. Literatura. *Mulheres Empilhadas*. Feminicídio.

ABOUT THE RELATIONSHIP BETWEEN HISTORY AND LITERATURE AND THE
NOVEL *MULHERES EMPILHADAS* (2019)

Abstract: This present work aims to study, based on a theoretical-conceptual analysis, the intersections and confluences that occur between the areas of knowledge History and Literature observing, on a first momento, how this complex relationship has developed over the time and some of the transformations it has undergone. Already in second moment of work some excerpts from the novel *Mulheres Empilhadas* (2019) are discussed, reflecting on the aspects and moments of the novel in which the relationship between Literature and historical knowledge is evident. From that we notice that the dialogue between the areas mentioned, and the possibles uses articulated by the author in writing of the discussed novel, makes it possible for us to critically reflect upon, from the fictional, historical and social issues such as, for example, feminicide. For this purpose, we established dialogue with Biroli (2014), Llosa (2002), Ferreira (2009), Barros (2010), Silva e Santos (2021), Vago (2021), and others authors.

Keywords: History. Literature. *Mulheres Empilhadas*. Feminicide.

¹ Mestrando no Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Possui graduação em História pela mesma instituição. Bolsista pela undação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E-mail: antwesley.martins@aluno.uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8625-222X>.

² Graduanda em História na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de Extensão pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). E-mail: jamilepinheiro.silva@aluno.uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8349-4742>.

³ Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do curso de História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL), ambos da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: edmilson.junior@uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8568-6448>.

1 Comentários à guisa de introdução

É difícil definir o que seja Literatura. Pela complexidade da questão são inúmeras as tentativas de resposta articuladas ao longo do tempo, pelos mais diversos pensadores, das mais diversas áreas, no intento de encontrar uma definição. O que torna este intento mais desafiador é o fato de que este entendimento transforma-se de acordo com as tensões e intencionalidades de uma dada época. Sabendo destas problemáticas e da mutabilidade da definição conforme a lente que a enxerga, pensamos que talvez seja interessante a caracterizarmos como uma arte (Ferreira, 2009) ou, ainda, como “uma fotografia do tempo” (Silva; Santos, 2021, p. 207).

A História, por sua vez, não é menos complexa. Durante o século XIX e a busca incessante por um cientificismo que marcou o espírito daquele tempo, por exemplo, a chamada Escola Metódica encarava-a enquanto uma ciência capaz de “reconstituir objetivamente o passado” (Ferreira, 2009, p. 63). A partir da renovação historiográfica protagonizada no início do século XX pela revista dos *Annales*, por seu turno, passamos a compreendê-la enquanto uma “ciência dos homens (...) no tempo” (Bloch, 2001, p. 55), acrescentando-se a máxima: “um conhecimento através de vestígios” (Bloch, 2001, p. 73).

Notemos que embora distintas e com suas particularidades, algo em comum surge em nossa vista no instante em que tentamos mobilizar, mediante nossa compreensão e escolhas, algum tipo de definição para as duas áreas citadas. Ambas, História e Literatura, cada uma à sua maneira, lidam com a ideia de tempo. Isto ocorre, pois as duas “registram, marcam, problematizam e descobrem caminhos diversos para se entender os mais complexos dilemas humanos no decorrer do tempo” (Silva; Santos, 2021, p. 207) de modo que acreditamos que uma pode ser muito útil à outra.

Isto posto, neste artigo buscamos, a partir das experiências de nossa formação⁴, tecer algumas reflexões sobre a relação e aproximações existentes entre História e Literatura. Deste modo, num primeiro momento propomos uma discussão teórico-conceitual a respeito deste vínculo tentando compreender como ele se deu ao longo do tempo, além das eventuais transformações pelas quais passou, finalizando com pequenos apontamentos sobre as possibilidades e utilidades que tais confluências podem suscitar.

Em um segundo momento mobilizamos alguns aspectos e trechos do livro *Mulheres Empilhadas* publicado em 2019 pela romancista brasileira Patrícia Melo (1962-). A escolha pela

⁴ Nos referimos as discussões levantadas durante o curso da disciplina “Letras e História: Diálogos Interdisciplinares” do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras (MIHL).

discussão junto ao romance se deu pelo fato de julgarmos interessantes as evidentes ligações entre Literatura e História presentes em suas dimensões estruturais e narrativas, de modo que acreditamos ser a obra um importante meio de compreensão de questões e problemáticas históricas da sociedade em que estamos inseridos, tais como o feminicídio.

2 Do Distanciamento à Aproximação entre Tensões e Possibilidades

Em um já considerado clássico artigo, o célebre historiador José D'Assunção Barros (2010), especialista em teoria da história, argumenta que as ambiguidades e casos de interpenetrações entre a ciência histórica e a escrita literária são diversas, pois “a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário” ao passo em que “a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História” (p. 2), pois, conclui ele, “é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade” (p. 2).

Esse entendimento, cada vez mais ampliado e discutido desde a virada do século XX para o XXI é importante pois sugere a adoção de posturas interdisciplinares entre os campos do saber. Isto, por sua vez, contribui para que evitemos o rígido e infértil processo de aprofundamento das especializações que levaram – e por infelicidade ainda levam – ao surgimento dos chamados “sábios-ignorantes” (Fiorin, 2008), sujeitos que se fecham naquilo que aparentemente se especializaram deixando de compreender o todo a partir de frutíferas e necessárias “migrações interdisciplinares”, ou seja, trocas e aproximações, compartilhamento de procedimentos metodológicos, conceitos ou enfoques no olhar e análise de um problema (Morin, 2003).

Em que pese o fato de ainda existirem muitos dos “sábios-ignorantes” (Fiorin, 2008) por aí é certo que realmente temos acompanhado nos últimos um processo de maior reflexão e aceitação das afinidades entre História e Literatura. Contudo, nem sempre estas confluências foram evidenciadas e/ou bem vistas. Se retornarmos novamente à concepção historiográfica mobilizada por Leopold von Ranke e os demais defensores da Escola Metódica do século XIX, por exemplo, veremos que a concepção que tinham do conhecimento histórico impossibilitava qualquer diálogo.

Influenciada pelo cientificismo característico do século XIX – momento em que as chamadas ciências naturais e suas leis gozavam de grande prestígio – a concepção historiográfica daquele período entendia que a História seria uma reconstituição objetiva dos fatos passados tal qual eles ocorreram. Isto seria possível mediante o uso daquilo que era caracterizado enquanto “documentos verdadeiros”, leia-se “fontes escritas, preferencialmente oficiais”, de modo que “os textos literários,

assim como outras fontes artísticas” não fossem “considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica” (Ferreira, 2009, p. 63).

É somente a partir da já citada renovação historiográfica conduzida pelos *Annales* no início do século XX que esta situação começa a mudar. Buscando opor-se a perspectiva “político-factual da Escola Metódica”, estes “passaram a dar ênfase aos processos sociais e econômicos, e, nas décadas seguintes, também aos aspectos mentais das civilizações” (Ferreira, 2014, p. 63). Essa mudança de postura proporcionou tanto uma maior aproximação da História com outras áreas do conhecimento como serviu ainda para um alargamento da compreensão do que seria uma fonte histórica, processo que ofereceu mais atenção aos escritos literários que passaram “a ser um largo ambiente de conhecimento para historiadoras e historiadores” (Silva; Santos, 2021, p. 210).

Esse processo de renovação historiográfica não se limitou, no entanto, as primeiras décadas do século passado. Na verdade, as gerações seguintes aos primeiros membros da revista dos *Annales* deram continuidade as reformulações que conduziam esta nova concepção a respeito da escrita da história e, especialmente nos anos 1970, isto aprofunda-se devido, dentre outros fatores, à chamada “virada linguística” que fará emergir ao centro do debate aquilo que Barros (2010) chamou de “uma ‘consciência da narratividade histórica’” (p. 3), ou seja, de que além de ciência a História é também a constituição de narrativas, visto que possui a intenção de “narrar acontecimentos” ao lidar com “pensamentos produzidos socialmente” (Silva; Santos, 2021, p. 207).

Contribuíram para tal as reflexões então empreendidas por inúmeros intelectuais, dentre os quais, Michel de Certeau, Hayden White, Paul Ricoeur e até mesmo Michel Foucault (Barros, 2010). Escrevendo em um momento em que movimentos sociais mundo afora questionavam paradigmas e promoviam novas discussões e formulações identitárias, estes pensadores trouxeram à baila o fato de que inúmeros aspectos – subjetivos ou não –, acercam a constituição da narrativa historiográfica: o lugar social de quem a produz, as limitações e escolhas que permeiam os métodos usados e fontes analisadas, as indagações e hipóteses formuladas, dentre outras. Nos dizeres de Olinto (2004), esse foi um momento de “acento sobre uma **história-narrativa**” (p. 15, grifo original).

Assim, justamente por existirem brechas, vácuos, intervalos e certos condicionantes é que a História passou a ser entendida, assim como a Literatura, também como ficção visto que a narrativa que é própria dos historiadores compõe e articula “intrigas” (leia-se enredos), ou seja, composições lógicas que configuram as experiências do tempo histórico vivido (Ricoeur, 2010). Neste sentido, Lima (2022) comenta:

a ficção surge na história da impossibilidade de seu agente dar conta das inúmeras variáveis constitutivas dos vários ângulos de visão oferecidos pelo momento histórico abordado. Dessa variedade, bem como da impossibilidade de o historiador contar com todos os testemunhos do momento histórico que analisa decorre que sua escolha implica um traço forte de ficção – por certo, não uma ficção desejada, mas imposta pela própria maneira como o historiador cumpre a sua tarefa. Porque ela se estabelece a partir da exaltação do fato, sua designação é bem a ficção do fático (p. 95).

Deste modo, foi importante o fato de a citada “virada linguística” ter trazido à tona esta importante dimensão da “ficção do fático” que existe na narrativa histórica, ou seja, a “consciência da narratividade histórica” (Barros, 2011), embora esta mesma percepção tenha sido combatida por alguns historiadores pelo fato de, na sequência deste processo, uma “crise de referentes” ter ocorrido nos meandros historiográficos a ponto de alguns pensadores terem, levando-a ao limite, chegado a pontuar que a História seria apenas ficção ou a simples organização de um discurso.

Desta forma, é importante ter em conta que, de fato, a escrita histórica é permeada pelas escolhas e seleções de quem a escreve, seu lugar social e a instituição a que seu autor está vinculado, o tipo de fonte e de escrita mobilizadas, além das inevitáveis lacunas. Não obstante, é tão importante quanto não esquecer que esse processo, evidentemente, é conduzido a partir das análises e apontamentos guiados pelo método científico mobilizado na lida com os vestígios (Bloch, 2001) ou, nos dizeres do célebre historiador social inglês E. P. Thompson, pela “lógica histórica”, uma vez que “o objeto do conhecimento histórico é a história ‘real’” (Thompson, 1981, p. 50).

É tendo consciência destas questões, pois, que acreditamos ser bastante útil ao conhecimento historiográfico e a reflexão histórica uma ampliação da postura interdisciplinar que tome a Literatura enquanto uma “fonte fecunda” (Ferreira, 2009). Isto se torna evidente quando nos damos conta, por exemplo, daquilo que Mario Vargas Llosa (2002) em um assertivo comentário fez questão de atentar:

la literatura cuenta la historia que la historia que escriben los historiadores no sabe ni puede contar. Porque los fraudes, embaucos y exageraciones de la literatura narrativa, sirven para expresar verdades profundas e inquietantes que sólo de esta manera sesgada ven la luz⁵ (Llosa, 2002, p. 7-8).

É com essa licença poética de que possui a Literatura, ou seja, de por meio da ficção e pela mobilização da realidade em uma dimensão refigurada, recriada e reimaginada trazer à tona, pela narrativa do autor, aquilo que a escrita historiográfica não pode alcançar ou expor por ter um compromisso com o factual ao passo em que limites são postos por sua função social e as inevitáveis

⁵ “A literatura conta a história que a história escrita pelos historiadores não sabe ou não pode contar. Porque as fraudes, enganações e exageros da narrativa literária servem para expressar verdades profundas e inquietantes que só dessa maneira enviesada podem vir à tona” (tradução nossa).

lacunas deixadas pelos vestígios do passado. Portanto, como o próprio Llosa (2002) também argumenta, é importante não esquecermos que “la verdad literaria es una y otra la verdad histórica”⁶ (p. 7).

Além disso, a compreensão das confluências entre Literatura e História são importantes no sentido de servirem de estímulo para os rincões historiográficos buscarem uma renovação de sua escrita. Ao invés de prezarmos por uma constituição narrativa que busque exclusiva e rigorosamente um aspecto burocrático e objetivo – algo que distancia essa produção do leitor comum devido a sua rigidez e engessamento –, devemos, cremos, buscarmos uma renovação criativa da escrita do historiador que ao lado do embasamento metodológico mobilize também diferentes artificios da literatura para que seu texto seja mais bem recebido e compreendido. Isto seria de grande valia, pois além de Ciência (e narrativa), a História deve ser vista também como Arte (Barros, 2010).

Comentadas estas aproximações entre a História e a Literatura atentando para o fato de ambas serem narrativas que lidam com o tempo e que além disso, cada uma a partir de suas próprias especificidades, possuem um filão ficcional e/ou hipotético, será de nosso interesse emprendermos na próxima seção, a partir de uma postura que tenha em mente a importância da interdisciplinaridade (Fiorin, 2008) algumas reflexões a respeito das relações práticas possíveis entre História e Literatura a partir de aspectos e trechos mobilizados e/ou presentes no romance *Mulheres Empilhadas*.

3 Ficção e Realidade em *Mulheres Empilhadas*

Lançado em 2019 pela romancista brasileira Patrícia Melo (1962-), o livro *Mulheres Empilhadas* é o primeiro da escritora a ter como protagonista principal uma personagem feminina ao passo em que, se comparado a algumas de suas obras anteriores⁷, apresentara uma interessante novidade em termos de recorte espacial visto que sua história ficcional é ambientada e desenvolvida, em sua quase totalidade, no estado brasileiro do Acre. Além disso, ao que parece, a obra fora “uma encomenda das editoras da Leya sobre um tema relacionado à mulher” (Azevedo, 2021, p. 117).

Sendo recorrente em sua vasta obra a menção ou retratação de episódios violentos (Vago, 2021) temos em *Mulheres Empilhadas* o desenvolvimento de uma trama que lança luz à uma questão infelizmente tão corriqueira quanto urgente na sociedade brasileira: o feminicídio. Segundo Luciene Azevedo (2021), “a escolha pelo feminicídio é justificada pelo aumento e pela repercussão dos casos

⁶ “A verdade literária é uma e a verdade histórica é outra” (tradução nossa).

⁷ Também é autora de obras como *O Matador* (1995), *Elogio da Mentira* (1998), *Inferno* (2000), *Ladrão de Cadáveres* (2010), dentre outros.

de violência contra a mulher nas notícias diárias que proliferam nos jornais e nas redes sociais” (p. 117), ao passo em que no período de escritura e lançamento da obra, o Acre era justamente um dos estados em que mais se matavam mulheres no país (Vago, 2021).

Deste modo, levando em consideração o triste apontamento de que “a violência do macho contra a mulher, expressa de diferentes formas - ironia, espancamento, reprodução forçada, estupro, homicídio etc. – é constitutiva da organização social de gênero no Brasil” (Saffioti, 1994, p. 443), o que explica as constantes repercussões e notícias a respeito, percebe-se o quanto o romance está imbrincado nos dilemas da sociedade de que é fruto. Isto é interessante, pois reforça a concepção de que através dele pode-se conhecer e refletir sobre problemas estruturais da sociedade brasileira como é o caso do feminicídio.

Figura 1 – Capa do livro *Mulheres Empilhadas* (2019)

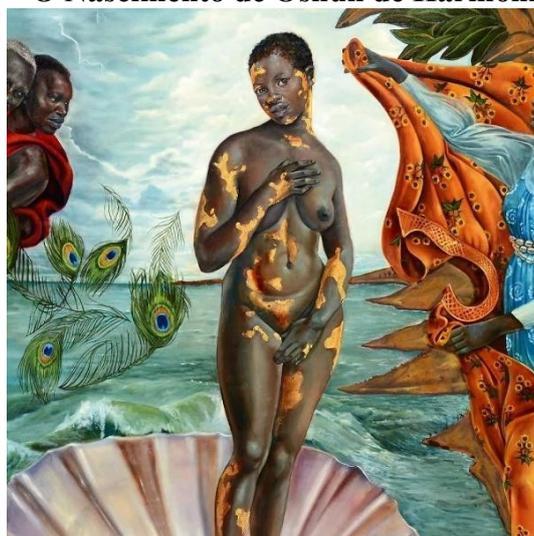


Fonte: <https://m.media-amazon.com/images/I/41q1AUTJ7QL.jpg>. Acesso em: 26 set. 2023.

Como se pode perceber, a obra apresenta em sua capa (Figura 1) uma arte em que as figuras do nascimento de Vênus (Figura 2) feita pelo pintor italiano Sandro Boticelli (1445-1510) e a do nascimento de Oshun (Figura 3) – uma releitura da primeira tendo como foco a figura da mulher negra e a cosmogonia das religiões de matrizes africanas –, criação da artista estadunidense Harmonia Rosales (1984-), são apresentadas de cabeça para baixo, picotadas e embaralhadas entre si, o que em diálogo com o próprio título da obra já apresenta ao leitor uma sensação de corpos de mulheres mutilados e empilhados. Isto, em nosso entendimento, já surge como um primeiro aspecto das relações entre História e Literatura neste escrito de Patrícia Melo.

Figura 2 – O Nascimento de Vênus de Sandro Botticelli

Fonte: https://dasartes.com.br/dasartes.com.br/wp-content/uploads/2021/05/2560px-Sandro_Botticelli_-_La_nascita_di_Venere_-_Google_Art_Project_-_edited-2-640x853.jpg. Acesso em: 26 set. 2023.

Figura 3 – O Nascimento de Oshun de Harmonia Rosales

Fonte: https://www.universityofcalifornia.edu/sites/default/files/styles/related_articles/public/birth-of-oshun.jpeg?h=6a703af0&itok=6o0cxZb0. Acesso em: 26 set. 2023.

Aliando isso aos outros motes iniciais da obra, ou seja, desde a escolha do tema – o feminicídio – até a seleção do ambiente em que a narrativa será desenvolvida – o então violento estado do Acre –, notamos como esta relação do fato histórico com a narrativa literária vai se estabelecendo de modo mais aprofundado, a ponto de o romance já ir se colocando, em nossa compreensão, numa via não somente ficcional, mas também documental. Assim, Azevedo (2021) comenta sobre o fato de

o livro já nascer colado ao real, aos fatos, às reportagens e de ser uma publicação para a qual as entrevistas com numerosas fontes [...] servem como material de preparação para a escrita, mas também servem para dar ao romance uma recepção realista: tal realidade, qual romance (p. 118).

Desta forma, além de articular mediante distintos aspectos e trechos de sua trama interessante intersecções e diálogos entre as áreas da literatura e da ciência histórica – algo que abordaremos na sequência –, este caráter documental e a “recepção realista” que o romance possui ao lidar com “numerosas fontes” a respeito de problemáticas da sociedade brasileira, como casos de feminicídio, possibilita que possamos utilizá-lo, cremos, como um elemento útil e interessante para se melhor refletir e compreender estas questões.

A própria autora enfatiza isto ao final da narrativa, na seção de agradecimentos, quando menciona que entrou em contato, a partir de uma amiga jornalista chamada Emily Sasson Cohen, com inúmeros “especialistas na questão da violência contra as mulheres, feministas, advogados, lideranças indígenas, líderes comunitários”, de modo que Cohen realizou viagens “para o Acre, para a floresta como se fosse meus olhos e meus ouvidos” (Melo, 2019, p. 237). É interessante ainda, neste sentido, o fato de a obra ter tomado parte, mediante entrevista e coleta de dados e depoimentos, não só de informações sobre “a formação do Acre, a exploração da floresta e a situação da mulher acreana” como também “a trágica situação dos indígenas no Brasil de hoje” (Melo, 2019, p. 238).

Deste modo, articulando sua escrita a partir de documentos que surgem “como uma forma de captura ou referência ao real que encara a ficção como território que permite o registro de uma série de acontecimentos que precisam de atenção urgente dos leitores” (Azevedo, 2021, p. 118), a autora organiza seu livro de uma forma bastante interessante, pois apresenta, em nossa compreensão, três partes de algum modo distintas, mas que ao mesmo tempo estão intercaladas e funcionam conjuntamente para dar sentido ao todo da narrativa ao mesmo tempo em que, ao longo do romance, esse processo vai exprimindo as aproximações entre História e Literatura.

A primeira destas partes é apresentada logo após a epígrafe, ainda em suas páginas iniciais. Contendo como título da seção o número 1, o trecho apresenta a seguinte notícia: “MORTA PELO MARIDO. Elaine Figueiredo Lacerda sessenta e um anos, foi abatida a tiros na porta de sua casa, num final de tarde de domingo” (Melo, 2019, p. 9, grifo original). Esta parte é desenvolvida ao longo de todo o romance de modo que cada trecho apresenta, pelo que pode ser inferido, casos reais de

feminicídio cometidos sob as mais infames motivações, de modo que os assassinos eram sujeitos próximos, desde familiares como tios, até namorados, maridos ou ex-companheiros.⁸

Trazendo detalhes violentos destes crimes, esta primeira parte é concluída apenas na seção de número 12, já próximo ao fim do desfecho do romance, onde somos apresentados a uma notícia denominada de “DA SIMPLES ARTE DE MATAR UMA MULHER 2 [...] no corpo de Carla Penteado, 40 anos [...] foi identificado um ferimento [...] produzido por passagem de projétil [...] mesma arma de fogo que matou Crisântemo & Abelardo & Francisco” (Melo, 2019, p. 194, grifo original). O curioso deste trecho é que esta notícia, sua parte final especificamente, faz referência aos personagens criados pela autora. Assim, tendo iniciado a partir de casos reais, Melo brilhantemente finaliza-a com um caso desenvolvido a partir de sua própria escrita.

Esse movimento de viagem do real ao ficcional na finalização desta parte apresenta, em nosso entendimento, de modo bastante visível e rico as possibilidades e aproximações entre História e Literatura na experiência prática de escritura do livro por Patrícia. É o resguardo e expressão, na escritura do romance, dos dilemas e questões reais que permeiam o cotidiano da sociedade em que a autora – e nós, os leitores – estamos inseridos. Deste modo, é interessante lembrar que o ficcional, “por delirante que sea, hunde sus raíces en la experiencia humana, de la que se nutre y a la que alimenta”⁹ (Llosa, 2002, p. 5).

A segunda parte que compõe a narrativa geral do romance é apresentada na página 10 sob o título composto unicamente pela letra A, imediatamente após o caso que inicia a seção que aqui estamos denominando de primeira parte. Neste trecho somos apresentados a personagem principal que não possui seu nome revelado, um artifício utilizado, ao que parece, para reforçar o fato de que o que será vivenciado por ela ao longo da trama é algo que faz parte da trajetória real das pessoas que leem, especialmente quando pensamos no público leitor feminino (Vago, 2021).

Logo no início descobrimos que a mãe desta personagem foi vítima de feminicídio e ela própria sofrera com atos violentos de um ex-namorado. Além disso, acompanhamos toda a sua trajetória, de seu deslocamento de São Paulo para o estado do Acre, até a resolução de todo os casos de feminicídio e violência de gênero que acompanha, especialmente o da promotora Carla e o da indígena Txupira, personagem esta que traz à tona mais uma problemática latente nas relações

⁸ Mobilizando dados referentes ao ano de 2019 a CNN Brasil ressalta, por exemplo, que estes foram responsáveis por até 90% dos casos de feminicídio no país naquele ano. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/maridos-e-ex-maridos-sao-responsaveis-por-90-dos-feminicidios-no-brasil/> Acesso em: 29 jun. 2023.

⁹ “Por mais delirante que seja, possui raízes na experiência humana, dela que se nutre e se alimenta” (tradução nossa).



sociais de nosso tempo presente, mas que existe desde a gênese da sociedade brasileira, qual seja: a da violência e dizimação cometida contra nossos povos originários e suas culturas.

A partir destes elementos ficcionais somos levados a compreender, até o fim desta segunda parte que se encerra já ao final do livro em seção que possui como título a letra X, o quanto a violência é “elemento fundamental de enquadramento da mulher brasileira no ordenamento social de gênero” (Saffioti, 1994, p. 452) e, além disso, que este tipo de situação ocorre em sua quase totalidade no ambiente domiciliar e privado, dimensão em que o poder público ainda possui reticências em intervir e que, por isso mesmo, contribui “para a manutenção da dominação masculina” (Biroli, 2014, p. 32).

Já a terceira parte que compõe a narrativa surge após certo desenvolvimento da trama, já na página 25, sob o título de Alfa. Nesta parte do livro somos levados ao encontro, talvez, da parte mais ficcional e imaginativa da obra, já que possui o desenrolar de inúmeras questões esotéricas e ritualísticas a partir do suposto contato psíquico e espiritual da personagem principal com as Icamiabas, mulheres guerreiras que compõem uma interessante mitologia dos povos originários localizados na região da floresta amazônica (Vago, 2021).

O contato com estas mulheres guerreiras e o auxílio espiritual que ofertam é de tal modo importante para a personagem principal que a partir disso ela aparentemente consegue lidar melhor com os episódios de violência e feminicídio pelos quais atravessara durante toda a sua jornada, especialmente o assassinato de sua mãe pelo seu próprio pai. Este processo de fortalecimento é acompanhado ainda de vinganças que a personagem faz, junto as Icamiabas, á todos os homens que cometeram feminicídio tanto na trama ficcional do livro como, ao que parece, no âmbito da experiência real da autora.

Este processo de renascimento e justificação que parece fluir do ficcional ao real até o final desta parte que se encerra na seção de título ETÁ, próximo ao fim do romance, pode sugerir um interessante movimento na escrita de Patrícia que denota mais uma vez as aproximações entre a Literatura e a História que é o fato de, através do ficcional mobilizado na narrativa, autor e leitor tornarem-se outros exprimindo não só suas frustrações, mas também seus sonhos e fantasias, articulando uma realidade que embora não seja real, torna-se possível, pois “esa es la verdad que expresan las mentiras de las ficciones: las mentiras que somos, las que nos consuelan y desagruvian de nuestras nostalgias y frustraciones”¹⁰ (Llosa, 2002 p. 6).

¹⁰ “Essa é a verdade que expressam as mentiras das ficções: as mentiras que somos, as que nos consolam e atendem as nossas nostalgias e frustrações” (tradução nossa).



Todas estas questões postas pelo romance evidenciam, acreditamos, as relações entre História e Literatura. Neste escrito de Patrícia Melo estas duas dimensões se complementam e dialogam numa relação dialética que convida a todos que tomam contato com ela a uma reflexão crítica sobre questões e problemáticas que remetem não somente ao nosso tempo histórico, mas a própria estruturação da sociedade brasileira.

4 Considerações Finais

Notamos que a Literatura e a História são duas áreas do conhecimento que, embora possuam suas particularidades e questões próprias, não deixam de guardar uma interessante e profícua proximidade e interpenetrações que podem ser bastante úteis se uma necessária postura interdisciplinar for tomada como foco. Pudemos observar ainda, lembrando a historiografia do século XIX, que nem sempre essa proximidade foi bem quista, mas as renovações historiográficas realizadas ao longo do século XX contribuíram (não sem tensões, evidentemente) para que essa situação mudasse, ao passo em que o caráter narrativo da produção historiográfica fosse visto como importante tanto quanto o método analítico das fontes que chancela a História enquanto ciência.

Verificamos ainda, a partir da análise de alguns aspectos relacionados a escrita, organização e trama e do livro *Mulheres Empilhadas*, como as aproximações e afinidades entre Literatura e História são tensionadas na escrita da obra. Estas surgem desde a escolha da autora pela temática a ser retratada, algo feito através de pesquisas e levantamentos sobre ocasiões infelizmente cotidianas, passando pelos elementos que dão forma a própria capa do livro – uma mobilização de obras de arte que fazem referência a corpos de mulheres retalhados e misturados entre si, até a opção do Acre como principal ambientação da narrativa, visto ser aquele o local em que mais cometia-se violência contra as mulheres no momento em que o livro fora escrito.

Por fim, concluímos também que os diálogos possíveis entre aquelas áreas do conhecimento são tensionados pela autora de modo a retratar problemas históricos e estruturais, como a violência contra as mulheres e o feminicídio, de uma forma ampliada ao lançar luz, pela presença de personagens como Txupira, a um aspecto destas questões por vezes escamoteado, qual seja: a da violência cometida contra as mulheres de nossos povos originários. Ao mesmo tempo, acreditamos que a presença das guerreiras Icamiabas e a criação através delas de uma outra realidade dentro da própria narrativa da obra, uma onde os crimes de feminicídio são todos solucionados e justificados, é

outra sofisticada articulação da autora a nos convidar, através do ficcional, a uma maior e urgente reflexão, compreensão e (por que não?) combate aos problemas reais retratados.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Luciene. A ficção e o documento: uma leitura de *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo e de *Garotas Mortas* de Selva Almada. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 52, p. 113-127, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/53201/36888>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BARROS, José D'Assunção. História e Literatura – novas relações para novos tempos. **Contemporâneos**: Revista de Artes e Humanidades, n. 6, p. 1-27, mai./out. 2010. Disponível em: https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf. Acesso em: 01 dez. 2022.

BIROLI, Flávia. O público e o Privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 31-46.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-92.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Interdisciplinaridade. **Alea**: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 29-53, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/nTDjhCdwBqjsFGYct5ckdcd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2022.

LIMA, Luiz Costa. História e literatura: panorama crítico. In: IEGELSKI, Francine; SCHITTINO, Renata (Orgs.). **Teoria da História Hoje**: historiografia e sentido histórico. Niterói: PPGH/UFF Usina Editorial, 2022. p. 94-104.

LLOSA, Mario Vargas. **La Verdad de las Mentiras**. Madrid: Alfaguara, 2002.

MELO, Patrícia. **Mulheres Empilhadas**. São Paulo: LeYa, 2019.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLINTO, Heidrun Krieger. Novas sensibilidades na historiografia (literária). **Itinerários**, Araraquara, n. 22, p. 1-14, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2735/2471>. Acesso em: 14 abr. 2023.



RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Volume 1: A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de Gênero no Brasil atual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, nº especial, 2º sem. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16177/14728>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SILVA, Rafaela Mendes da; SANTOS, Francisco Wilton Moreira dos. História e Literatura: Jorge Amado, seus romances e as questões históricas nos anos 1930. **Escritas do Tempo**, Marabá, v. 3, n. 8, p. 206-224, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1558/675>. Acesso em: 24 jun. 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VAGO, Natália Barbosa Gomes. **Quando a Arte imita a Vida: Femicídio em *Mulheres Empilhadas***. 2021, 99 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/24857/NATÁLIA%20VAGO%20-%20QUANDO%20A%20ARTE%20IMITA%20A%20VIDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jun. 2023.